

Gaiato

4 DE SETEMBRO DE 1971

ANO XXVIII — N.º 717 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

MALANJE

Liceus, cheios; colégios, cheios; escolas técnicas, também. Que fará esta multidão daqui a cinco anos? Plantar a velha mandioca nas terras de ninguém? E por processos de tempos primitivos? Ai! oé! velho João, que nem a enxada usa, pois, sentado à porta da cubata, espera que a ou as mulheres cavem e recolham...

Emancipação da mulher — um primeiro passo. A seguir, a roda e a charrua.

Agricultura mecanizada, — dizem alguns. Talvez. Mas como é, não. Cada máquina com o seu transporte de países longínquos, os seus direitos, o seu gásóleo — custa uma fortuna. O agricultor branco compra, geme e, tantas vezes, não consegue pagar. Nas populações nativas seriam necessários todos os bens de mil habitantes para comprar um tractor.

É necessário e urgente dar o salto do trabalho manual, realizado quase só por mulheres, para o arado e tracção animal.

Obras, que à maneira das

antigas ordens, ensinem os homens a lavar a terra e as mulheres a cuidar da casa.

Ora, os grupos de apoio do Reordenamento Rural, lançados em sentido de serviço, procuram, precisamente, mentalizar as populações e orientá-las, tecnicamente, nas suas culturas agrícolas, e velar para que as suas produções atinjam os seus fins: alimentação, cultura e um mais elevado nível na habitação e costumes.

Praza a Deus e ao saber dos homens, que eles sejam sempre um serviço, e não se transformem em mala burocrática ou monopólio funesto.

x x x

O «Altinho» mede 1,80 e tal... Por isso, «Altinho». É chefe das limpezas e, como tem o coração do lado direito, mesmo que tropece no lixo, fica sempre calmo.

Ora há dias, dei com o «Cofir», aflito, à procura do Fernando. Intervi lembrando que o Fernando estava na escola.

— Não é o Fernando, é o Fernando...

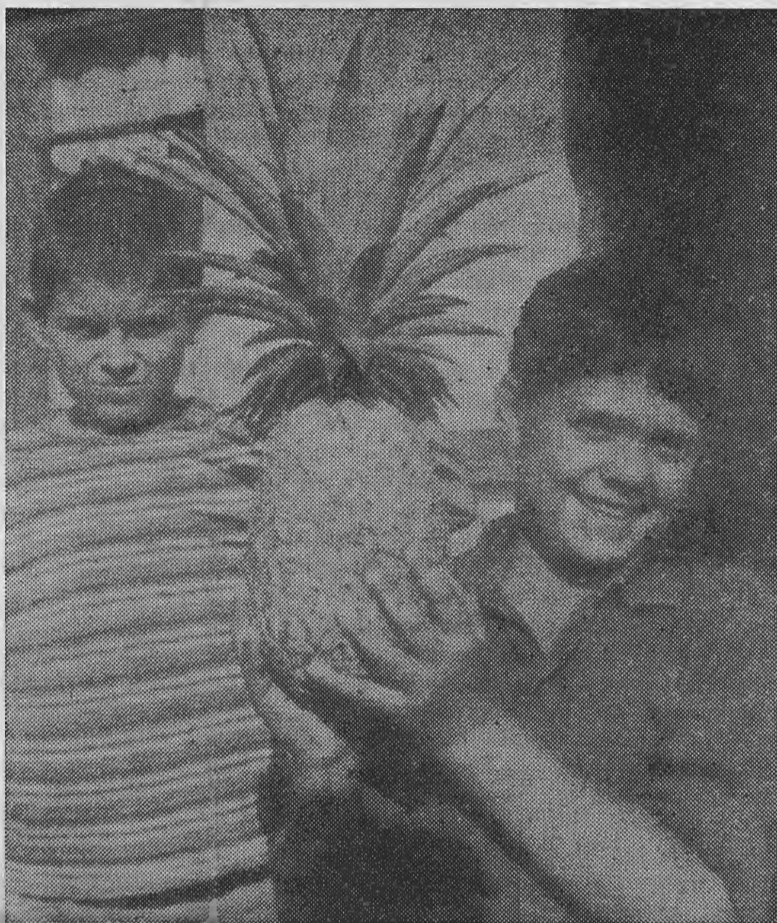
— Como é?!

— É que o «Altinho» obrigou-nos a chamar-lhe Fernando.

— Mau! Mau! «Altinho!» Fernandinho?

— Já é tempo... respondeu ele com a calma toda.

Padre Telmo



Lourenço Marques

O Gordinho

e o Jaimito

com o

primeiro

ananás

que amadureceu

na machamba.

Será

uma esperança!

E eles?

Aqui Lisboa

Um aspecto da casa-mãe do Tojal. Ao fundo, as escolas.



A nossa condição de responsáveis por uma Casa de mais de cem pessoas, para lá do particularismo de sermos uma espécie de caixeiros-viajantes ou embaladores de toda a Obra na Capital, leva-nos a contactar com as mais variadas pessoas e os mais diversos serviços públicos e particulares, surpreendendo situações assaz matizadas e imprevistas. Daí podermos fazer uma idela do que se passa à nossa volta muito próximo do concreto, se é que quinze anos de vida profissional não nos tivessem deixado alguma luz dos homens e das coisas. Assim, podemos denunciar, sem receio de injustiça, a pouca eficiência de muitos serviços, fundamentalmente pela pouca produtividade do trabalho dos respectivos

Cont. na QUARTA Página

UMA CARTA

«Nas disposições de meu falecido Pai...», que infelizmente foi ontem, estava escrito que fosse enviado para a Casa do Gaiato todo o dinheiro que estivesse na sua carteira no dia do falecimento. Cumprido esse desejo, enviámos ontem a importância de 1.500\$00 por vale de correio para Paço de Sousa.

Não sendo católico, a sua admiração pelo Pai Américo e sua Obra era enorme. À sua cabeceira esteve sempre o retrato do Pai Américo que considerava o verdadeiro intérprete da doutrina de Cristo. Quando há anos o Pai Américo veio à... lançan-

Cont. na SEGUNDA Página

PELAS CASAS DO GALIATO

MALANJE

Vou falar hoje aos nossos estimados leitores no nosso Chissola.

O Chissola é um rapaz muito novo, é o mais novo da nossa comunidade. Veio lá dos lados do Dala, situada no distrito da Lunda. Foi encontrado junto do rio Carimá. Quando cá chegou, não sabia falar a nossa língua. Trouxeram-no numa quinta-feira, eram 13 horas e 30 minutos, levaram-no para o nosso refeitório e perguntámos-lhe se ele queria comer e, então, ele respondeu que «uguamiam-ani» que quer dizer, não.

Hoje o Chissola é muito popular e um rapaz muito esperto. A prova é que ele já fala a nossa língua.

Sobre a parte escolar, foi uma boa época. Todos os nossos alunos da Instrução Primária que foram a exame ficaram bem. Entre eles o Zé Bomba e o Helder que, apesar da sua idade já avançada, se portaram bem no exame.

No Ciclo Preparatório, reprovou o Ilídio no 1.º ano.

O Luís, Chicudungo, Maxinde e o André, fizeram o 1.º ano.

O Altinho aprovou no conjunto A e E e ficou mal no conjunto B do qual fará exame na 2.ª época.

Os quatro que frequentaram o Curso Comercial e transitaram para o 5.º ano, são: o Laranjinha, que dispensou do exame de física e das provas orais de cálculo; o Tomás, que dispensou das provas orais; o Joaquim, que também dispensou do exame de cálculo e das provas orais de física; e o Laurindo com a média final de 13 valores.

Parabéns a todos os que procuram e sabem o que querem e bom ano lectivo.

O Alberto Resende que acabou a sua comissão de serviço militar, fez uma festa de despedida com a nossa Comunidade, tendo ele o cuidado de não esquecer os bolos e as laranjas. Correu tudo às mil maravilhas.

O Manuel foi para a tropa, cumprir serviço militar. Mais um nosso por lá. Menos um por algum tempo na nossa Casa.

Entre nós, encontra-se actualmente, por alguns dias, a passar férias, vindo também da tropa, o Adão, que é de Paço de Sousa.

Tomás

MIRANDA DO CORVO

Estamos no verão. E embora o tempo esteja esquisito, toda a gente pensa nuns diazinhos de descanso à beira-mar. Pois bem; cá em Casa também se não foge à regra e o tema «Praia» é o principal de todas as

conversas. Tudo converge para ele. Frase sim, frase não, ouve-se a palavra praia, e a pergunta que há semanas está no «top» é: quando é que vamos p'rá praia?

E pergunta-se quando vamos, porque alguns já lá estão. Melhor até: alguns já foram tomar o lugar, estando ainda os restantes à espera para terem as suas fériasinhas.

O primeiro grupo a estar no acampamento junto à Sagrada Família, na Praia de Mira, foi o dos pequeninos.

Eles de lá vieram contentes, torrados ou queimados, contando as suas façanhas pelo imenso areal. Tiveram também oportunidade de mostrar mais uma vez as suas habilidades, mas desta vez para francês-ver, pois apareceu-lhes uma certa família que muito simpatizou com eles e ao saberem que cantavam, vai de gravar quase todo o reportório e só foi pena que já estivessem um pouco esquecidos. O Quim, como mais pequenino, era o centro das atenções e entre os nossos amigos franceses era o «Qui-Qui».

Presentemente é o grupo dos mais velhos que está a passar as suas férias. Têm andado bastante atarefados com as obras, que são as instalações para os mais pequenos. Após uma semana dura, foram descansar e espriar-se durante uns dias, para depois retomarem os trabalhos.

Entretanto, cá em Casa estão os mais pequenos e alguns médios, estando os últimos à espera de irem. Mas vão cuidando da Casa e dos animais e plantas, até que chegue a sua vez.

Francisco José

TOJAL

Obras — Temos de novo entre nós um grupo de alunos do Liceu P. e António Vieira, que nos vieram ajudar na construção das novas oficinas. Segundo o que me consta ainda virá mais outro grupo. Graças a Deus, a alegria perdida no rosto dos nossos Rapazes, no momento da partida quando da sua estadia aqui nas férias da Páscoa, voltou com a sua chegada agora.

Entretanto as oficinas continuam a subir e a primeira parte que consta de dois escritórios e as oficinas de Tipografia, Alfaiataria e Sapataria, está quase pronta. Logo que tenhamos acabado a primeira parte virar-nos-emos para o resto, ou seja as oficinas de Carpintaria e Serralharia.

Sapatos — Volto a fazer este pedido. Mas o que é certo é que o calçado de rapazes entre os 7 e os 11 anos continua a fazer-nos grande falta. Quem tiver calçado destas medidas e já não o utilize, pode enviá-lo para o Tojal ou para o Lar, que nós agradecemos bastante.

Abelhas — O Manuel dos Santos tem andado vários dias a reparar as instalações das abelhas e a limpar as caixas. Esperamos que todo este trabalho dê fruto, pois pão com

mel é na verdade muito bom. O ano passado tivemos para cima de 100 kilos de mel. Este ano, se Deus quiser, haverá mais. E, a propósito, já que falamos em abelhas, se houver por aí alguém que possua utensílios apícolas e não se sirva deles, pode enviá-los para o Tojal, que agradecemos.

Campanha do selo — Estamos continuamente a receber dos nossos amigos leitores embrulhos de selos usados. Enviamos o nosso muito obrigado pela vossa colaboração. Esperamos que isto assim continue, pois a campanha do selo também continua.

Jornal — Pelos vistos em Lisboa a venda do jornal está a ficar muito em baixo. Não sabemos se serão os nossos vendedores que sofrem duma doença chamada «sorna» ou será dos amigos leitores. Leitor, se gostas de ler o «Famoso» e tens amigos, aconselha-os a lerem-no também, pois lendo-o uma vez, não passam uma quinzena sem o comprar.

Tropas — Regressou o Florindo e o Álvaro. Partiram o Pascoela, o Vitor e o Xico Zé. Estão na metrópole a tirar a especialidade de Mário e o Belmiro. Graças a Deus até à data não tem sucedido nenhum mal aos nossos Rapazes que têm cumprido o serviço militar no Ultramar. Que assim seja sempre e que Deus os proteja a todos.

Futebol — Têm sido muitos os jogos efectuados ultimamente, mas quase todos com o «Zip-Zip», o qual tem comido sempre pela medida grossa. Mesmo assim não desiste e até já marcou novo encontro. Se houver mais grupos de futebol interessados em vir até nós, pois que venham, sem temor, para passarmos uns momentos agradáveis.

Jorge

AZURARA

Azurara é e será sempre um local belo e repousante para a nossa malta, pois é aqui que durante quinze dias se muda o ar do cotidiano da nossa Aldeia.

Dois turnos por cá passaram, um pouco indiferentes, pois não houve crónica que noticiasse o entusiasmo e as alegrias em que viveram.

Estamos já prestes a terminar o terceiro turno. É uma boa altura para uma excelente crónica.

Além dos dias não serem grande coisa, a boa disposição mantém-se ótima pois basta lembrar que são Rapazes na maioria entre os 10 e 12 anos de idade, parece com asas às grandes aventuras e aos seus castelos construídos nos mais altos céus.

O mar é sempre o atractivo da maioria, mas há quem dele fuja e só goste de tomar banho em alguidar furado! Mas, para um grande mal um ótimo remédio, e lá vai a Tinoco puxado pelos calcanhares para o seu duche forçado.

Há quem goste, depois do seu duche, tomar uns banhos de sol e, para isso, o buraco — lugar — fica

alugado de há muitos anos. É o melhor lugar para a malta ficar bronzada. Depois disto tudo, um bom petisco. Vejam lá qual não é a alegria da rapaziada a lamber o prato!

Como é costume vir um casal de obreiros da Casa passar as suas férias connosco, calhou ser a família Mendes, bastante simpática pela sua colaboração para um turno mais alegre e prontos a ajudar em tudo.

Tudo dito deste cantinho de Azurara. Só sei que depois destes quinze dias, a malta tem mais força e coragem para labutar nos outros 350 passados na nossa Aldeia.

Álvaro de Jesus Candeias

Lar do Porto

Conferência

Eu, um simples confrade de uma pequena Conferência, confesso quanto me tenho descuidado na assistência aos outros, aos quais não tenho feito o que devia fazer permanentemente e com mais carinho. Mas aproveitando esta oportunidade pergunto aos leitores — com espírito e vontade de ajudar — porque motivo nem sequer uma vez por mês se lembram de dedicar algo de útil para nós e para os nossos Pobres.

Dantes, quando eu ainda não compreendia bem o significado da vocação vicentina, gostava muito de ouvir os responsáveis falar e gostava, em especial, de ouvir um Senhor Padre que dizia que a ajuda ao Pobre não deve ser feita com o sentido unicamente material, mas também com palavras de conforto, de carinho e amizade.

Hoje, estou completamente ciente de que tudo isso é verdade e gostaria que não fosse sómente eu a dizê-lo, mas todos vós leitores. E como prova deste facto eu vou passar a escrever mais vezes; e vós, aqueles que não se encontrem em condições de ajudar materialmente, enviad um simples postal dando e expondo a vossa amizade pelos outros. Pois com ela nós consolaremos e enriqueceremos os Pobres, ao mesmo tempo que lhes damos coragem para suportar a sua tão pesada cruz.

José Maria da Cunha

LOURENÇO MARQUES

Férias — O nosso Padre José Maria foi até à metrópole passar dois meses e meio de repouso bem merecido, porque, de andar a aturar esta malta toda, durante três anos e tal, uma pessoa fica com a cabeça moída e bem moída.

Pois este assunto veio porque o Padre José Maria não está e o nosso Padre Carlos que está no lugar dele, encarregou-me de escrever a crónica de Lourenço Marques.

Convívio de amizade — Com a simpatia das chefes das escuteiras, já não é pela primeira vez que trazem até nós moças para conviver com a nossa malta, para passarmos uns domingos muito divertidos, com jogos, ouvir discos, conversar, etc. É uma nota que tem o seu interesse porque a malta, todos os dias a ver a mesma coisa, passa os domingos como os dias da semana só com uma pequena diferença, de que ao domingo não se trabalha. Agradecemos esta simpatia, como por exemplo as estudantes da J.O.C. que de vez em quando também vêm até nós. Este ano vieram acampar em nossa Casa. Que estas intenções de amizade continuem a vir até nós.

Festas — Para despertar mais interesse a vós, que viste a nossa primeira festa dada no cinema Nacional, mas também aqueles que não chegaram a ver, quero dar-vos já a notícia de que andamos a ensaiar outra, mas que esta promete ser melhor que a primeira. Mas não é para já, talvez para Outubro. Quando chegar a altura nós daremos o alarme para que toda a gente possa assistir.

Um pedido — Já que falei em festas, como todos sabemos que uma festa não é festa se não houver música, pois é nisto que eu vos vou falar.

A nossa malta, que é doída por música, anda com a mania de formar um conjunto; mas há uma barreira que não nos deixa continuar para a frente. Todos ficam a pensar: Qual será a barreira que nos não deixa continuar? Caros amigos, é a falta de instrumentos! Mas se algum de vós pensar assim:

« — Bem! Deixa lá dar alguma coisa para os instrumentos para que eles possam passar essa barreira»; e outro tiver o mesmo pensamento; e a seguir a esse, outro e por aí fora... Assim nós conseguiríamos alcançar o nosso objectivo. Porque lá está o velho ditado: «Grão a grão enche a galinha o papo».

José Manuel «Santana»

UMA CARTA

Cont. da PRIMEIRA Página

do a 1.ª pedra para o Património dos Pobres, falou na inauguração desse dia e teve a sua grande satisfação de sendo Republicano e Socialista há mais de 60 anos, cumprimentar o Pai Américo a quem rendeu toda a sua homenagem.

Faleceu no dia 3 de Maio com 91 anos; toda a sua vida foi defender os desprotegidos da sorte e os operários mal compreendidos; colaborou em dezenas de jornais sempre com o espírito social e com dois lemas: contra o álcool e contra a miséria.

Dentro das possibilidades procurarei seguir o seu exemplo e através da leitura do jornal «O Galato» tenho conhecimento da Obra...»

Acentua-se, dia a dia — entre a massa de leitores do 1.º volume do «Isto é a Casa do Gaiato» — uma ressonância, muito salutar, de responsáveis pela educação e formação da Juventude. São presenças calorosas!

Aqui vai a primeira, com o timbre de um dos melhores liceus de Lisboa:

«Só hoje acuso recepção do volume «Isto é a Casa do Gaiato» porque quis entrar no gozo de férias com o «pé direito», o que vem a dizer que só hoje concluí a leitura, tendo-a iniciado ontem...

Dizer do talento de P.e Américo é lugar comum. Mas também é lugar comum repetir passos dos Evangelhos e nunca é, apesar disso, demais repeti-lo, já que infelizmente não é lugar comum cumpri-lo.

Por isso, sendo embora um mau cumpridor, por culpa própria, não quero ao menos deixar de repetir que destes retalhos de vida viva, cheios de beleza, de naturalidade e de simplicidade, tirei lições de pedagogia e de didáctica intuitiva e natural que gostaria de saber comunicar aos meus professores estagiários. Na minha vida profissional de permanente aprendiz, tenho, como professor, escutado muito e aprendido muito com P.e Américo — um imortal muito humano no campo do são aproveitamento e da verdadeira conquista do coração da juventude.

Numa palavra, é nas leituras das obras de P.e Américo

O «Isto é a Casa do Gaiato» e os seus leitores

que continuo a colher lições de vida e para a vida...

Outra presença lisboeta, a ferver em cachão:

«Cá recebi mais um livro vosso («Isto é a Casa do Gaiato»), o que sempre agradeço, pois isto de nos vir a voz do Evangelho, através do correio é muito agradável e salutar.

É sempre com enternecimento, ora com lágrimas nos olhos ora com um sorriso nos lábios, que se lêem estes pequenos relatos e que no fundo são tão grandes. Como afinal existe tanto amor nesses pequeninos corações famintos de carinho e compreensão! Como é injusta a Sociedade que os despreza, apontando-lhes todos os vícios, sem nunca ter tentado compreender que o melhor remédio para os seus males era proporcionarem-lhes o lugar, na mesma Sociedade a que eles tinham direito, como seres humanos que são.

Quando andam no lixo à procura daquilo que os ricos desperdiçam, mandam afastar os filhos daqueles porcos que não se lavam, em vez de ensinarem as crianças, que ainda não estão contaminadas pelo orgulho, ganância e egoísmo, a irem junto desses seus irmãos

desfavorecidos e estenderem as suas mãos rosadas de meninos mimados ao encontro das escuras e magras dos que foram escorraçados por vezes até por aqueles que lhes deram a vida.

Ainda bem que puderam juntar estes apontamentos dos problemas diários que existem afinal, em todas as casas onde há muitas crianças. Até eles próprios, agora alguns já homens, devem achar interessante verem o que eram e no que se tornaram...

Segue o casal Maria Ana e Pedro, do Porto:

Peço imensa desculpa de só hoje acuser recepção dos 3 livros — «Isto é a Casa do Gaiato», «A Porta Aberta» e «Ovo de Colombo», que recebi há dias e muito agradeço. Vieram na melhor altura, pois estava de cama, a contas com um problema na coluna, e a maravilhosa lição que se colhe

através de toda a Obra do Pai Américo fez-me meditar profundamente e muito me ajudou. Que Amor ele tinha para dar, e como entendeu o Evangelho! Faz-nos sentir pequeninos, tal a grandeza da sua Alma!

Desculpe a letra, mas custame a escrever!...

Finalmente, um sucinto resumo de S. Domingos:

«Começo por pedir desculpa de só hoje enviar a importância do livro «Isto é a Casa do Gaiato», o qual é admirável. Vai também a importância referente ao nosso querido «Famoso» ou «Assombroso» como alguém lhe chamou. Vão 100\$. Metade para cada lado. Para o livro é pouco, pois vamos a uma livraria e compramos um livreco qualquer é muito mais caro e no fim de contas nós ficamos vazios e com estes não sucede isso...»

Só nos resta, uma vez mais, informar os leitores eventuais — interessados em adquirir obras de Pai Américo — que podem dirigir-se à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa. E serão atendidos imediatamente.

Já depois de encerrada esta local, recebemos a seguinte carta, de Almada:

«Como assinante do vosso jornal esperava receber um volume de «Isto é a Casa do Gaiato». Como tal não aconteceu até agora, peço o favor de me enviarem, logo que possível, 2 volumes dessa obra para o que envio a importância de 100\$00.

Muito grata, subscrevo-me com amizade e dedicação...»

Se houver outras, ou outros, com o mesmo problema, repetimos o esclarecimento: os livros editados são remetidos só a quem os requisite expressamente; ou a quem, ao longo dos anos, haja solicitado qualquer uma das 11 obras da nossa Editorial.

JÚLIO MENDES



Na última «Tribuna» lançamos um grito de alma apelando para as mães válidas de corpo e espírito, com entranhas para amar, à procura de se realizarem e serem felizes, para que se ofereçam para Mães dos nossos filhos. Confiamos que não tenha sido em vão o nosso apelo.

Hoje chamamos pelas Mulheres que têm horas livres, com cabeça, espírito e mãos, para que venham ajudar no arranjo da nossa roupa. Custa tanto ver os Rapazes com camisas rotas, calças sem botões, meias esburacadas, roupa interior sabe Deus como! Custa tanto chegar à hora do banho e não haver roupa pronta para mudar!

Recordo sempre, com emoção e alegria, aquela tarde de segunda-feira de há quinze anos e meio, quando o primeiro grupo de Senhoras da cidade de Setúbal apareceu em nossa Casa para cuidar da roupa. A Casa tinha nascido há pouco e não tinha tido enxoval. Eu gemia com a falta de tudo. E passado todo este tempo o grupo, que tem operado mara-

vilhas, continua com vigor, renovado por aquelas que vão seguindo os passos das que já receberam de Deus a recompensa. Como me soube bem aquele hino de alegria cantado há pouco por nosso Padre Acílio! Hino de louvor ao amor e perseverança daquele grupo de Senhoras!

Em Coimbra já houve uma tentativa de um grupo de Raparigas estudantes, tentativa que durou algum tempo. Já houve promessa de um grupo de Senhoras que nunca apareceu.

Esta pobre e empobrecida Coimbra e sua região, esfumada ainda pelo facho aceso por D. Dinis, querará telmar em viver dos seus pergaminhos de «doutoras»?

Em Coimbra, Miranda do Corvo e Lousã há Senhoras com horas livres, capazes e com alma de generosidade. As portas da sala de costura do nosso Lar de Coimbra e da nossa Casa de Miranda do Corvo ficam abertas à espera daquelas que queiram vir.

Padre Horácio

Três anos é muito nestes nossos dias em que o tempo viu bastante subida a sua cotação, mercê das espantosas velocidades conseguidas pelo homem, da freima que caracteriza a vida e marca os psiquismos. Pois foi exactamente de três anos o período que separa esta da última visita a África, o mais longo de todos desde que comecei a vir. Tinha saudades! Embora acompanhando de longe o evoluir de cada Casa, outra coisa é ver!

Abraços de despedida em Lisboa, de pais, de irmãos, de filhos... e, horas breves depois, de novo abraços de filhos e de netos, em Luanda. Foi uma noite de conversa aquela madrugada. Não chegámos a ir à cama, que a hora do avião para Benguela já não o consentia.

Aqui vim encontrar uma comunidade de 110, razoavelmente estruturada para os 8 anos que contam as duas Casas do Gaiato em Angola. A Aldeia é já uma bela realidade, como os leitores puderam constatar, ainda há pouco, pelas duas fotografias aéreas publicadas. No fim deste ano, se Deus quiser, do programa das construções maiores, ficarão faltando apenas um salão de festas com salas para jogos e convívio e a Capela. Da quinta, ainda mais se nota a diferença dos 6 hectares mal agricultados que encontrámos, para a centena e meia deles, lindamente ocupados em bananal, horta e plantações de batata e de cebola.

A caminho de Malanje, fomos encontrando dos nossos que já estão lutando pela vida. Jantar com o Manuel Fernan-

Notas de viagem

des e o Falcão, na Quibala. Almoço, dia seguinte, em Cambambe com o António Afonso e o Amadeu. Antes de chegar a casa, na grande fazenda que orienta, o Tavares. Como somos ricos! Como é doce colher na força de cada abraço a certeza de que nunca ninguém semeia em vão, se o fizer «em nome do Senhor»! Sim, a amizade e o sentido de justiça vêm sempre acima, ainda quando o turbilhão da adolescência e da primeira juventude tudo pareceu turvar. As árvores de grande porte, plantam-nas os avós para os netos. Nós já colhemos muito! Mas que sempre se animem os nossos Padres e os Rapazes que ficam, na convicção da fecundidade que alguém virá a colher proporcionada pela nossa Fé, pela nossa Esperança, pelo nosso sacrifício.

Malanje, cada vez mais linda! Não sei se foi por ser o meu primeiro amor africano que assim a vejo... Mas acho-a

das mais lindas das nossas Casas!

Com nova casa de habitação pronta; com a ladaínia de casos que P.e Telmo terá a aguardar resposta — depressa aquela Comunidade subirá para mais de oitenta. Falta que a linha de Cambambe chegue à cidade e a energia seja abundante e as oficinas nasçam para o trabalho a que estão destinadas e para que estão providas.

Em Lourenço Marques, ao jantar do dia da chegada, P.e Zé reuniu aos 34 desta Comunidade, todos os nossos que labutam e vivem na cidade. Foi uma consoladela!

Agora, será aqui o meu lugar estes dois meses e meio. Certamente não faltarão motivos para falar de cá...

Visado pela
Comissão de Censura





VISTAS DE DENTRO

Essencial é o Rapaz. Latitudes, longitudes, climas, cores, raças... — tudo é acidente.

Aconteceu em uma das nossas Casas de África. O pequeno servente de mesa pôs o avental do estilo, mas não se deu ao trabalho de o prender na cinta. Resultado: um pano ao penduro, a pendular... Exactamente como os da Europa junto de quem é quotidiana a observação: — Aperta o avental!

Aliás, neste capítulo da inércia, dos trabalhos interrompidos e anulados, da espertachise na fuga para a brincadeira e nos enredos a justificá-la... são idênticos ponto por ponto.

Eu acho graça. E com estes factos respondo aos curiosos que nos perguntam se estes (os de côr) não são mais difíceis... Não senhor, são iguais.

Padre Carlos

x x x

Armelim veio para nós há 8 meses e com pouco menos de 2 anos.

Era uma criança esquelética, débil, anémica, mela atrofiada e mal ensaiando os primeiros passos e as primeiras palavras.

Sua expressão triste, muito triste, causava compaixão e aquelas lágrimas contínuas nos seus olhinhos escuros mas sem vida diziam tudo do mundo sombrio em que vivia.

A mãe, jovem, débil mental, vítima da brutalidade e libertinagem de homem normal, vítima da miséria agravada pelos miseráveis que a exploravam e seguidamente a abandonavam, encontrou no coração de um Padre a amizade que lhe fora até aí negada; este sacerdote internou-a numa clínica e para nós trouxe o filho.

O muito carinho e bom trato que tem recebido fizeram o milagre de dar vida àquela criança sem ela.

Hoje é uma criança normal e feliz. Durante meses ninguém a via sorrir. Hoje já o faz mostrando uma fila de dentinhos que muito custaram a romper. Seus passos deixaram de ser vacilantes e a sua vivacidade já não admite fronteiras. Gosto muito de o ouvir cantar e de captar os seus diálogos com os outros «batatinhas». Com as pessoas de fora ainda é muito reservado mas já se vai tornando mais sociável. É um apaixonado pela T. V. (que algumas vezes já abriu sózinho) mas agora quando quer ver, vem bater-me á porta do escritório e depois de lhe

dar um beijo e lhe perguntar o que quer responde: — «as ninas na televisão».

Porém, e embora adorável, Armelim não foge à sua natureza humana e tem, como todos, limitações. Uma delas preocupa-me um pouco. Ele manifesta uma grande tendência para o egoísmo, não fosse este defeito uma das maiores limita-

um saco com caramelos e disse-lhe para dar um a cada um dos seus irmãos (ele já vai tendo noção dos números).

Foi fiel. Deu a todos mas eu sabia que tinha de sobrar um.

Veio ter comigo e entregou-me o saco vazio dizendo todo risonho: «Já tá».

Olhei para ele também risonho e agradei-lhe.



O Armelim vai aprendendo a sorrir.

ções do homem.

Para lhe debelar este defeito e o iniciar na prática da generosidade temos levado o Armelim à prática de pequenos mas muito importantes hábitos desta virtude. Vez por outra sondo os seus progressos. Por um destes dias dei-lhe

Não lhe disse mais nada, mas no bolso do seu bibe lá estava o caramelo que sobrava e ele lá meteu.

Compreendo o Armelim. Ser fiel até ao último (caramelo) é exigência que nem os homens aguentam, quanto mais uma criança.

Lar Operário em Lamego

Este ano passei o dia 16 de Julho em Paço de Sousa. É o aniversário de Pai Américo nos deixar para ir receber o prémio que os homens não podem nem sabem dar. Dia festivo para toda a Família da Obra da Rua, quis vivê-lo numa certa intimidade com Pai Américo. Senti a consolação de recordar momentos felizes em que juntos vivíamos a causa dos que precisavam. Ele era o mestre e eu bem gostava de ser o discípulo. Uma conversa com Pai Américo valia tanto como horas de profunda reflexão. As suas palavras ditas com naturalidade revelavam uma alma cheia de Deus e de preocupações constantes em aliviar

os males dos outros. Não sei explicar a força impulsiva das suas frases e tenho ainda hoje viva a impressão dum «ande lá p'ra frente» e «em vez de dar, dê-se». Como me deixava em profunda meditação quando, com os olhos meios fechados e apontados para ele e para mim, repetia a meia voz e em tom de mágoa «nós não temos Fé... nós não somos católicos». Ao despedir-me dele, safa forçosamente com um programa traçado. Vinha mais animado e a confiança era maior porque frequentemente me repetia «conte comigo e com Ele». Confesso que apesar de ser dia festivo não foi possível recordar sem um misto de saudade

A nossa padaria é um mundo de surpresas!

Sempre que lá entro encontro coisas novas; umas vezes boas, outras não.

Desde as «patuscadas» de combinação com o cozinheiro e seu ajudante às especialidades de fabrico de pão só para eles comerem e nós não, até ao armazenamento de coisas, hábilmente surripadas como roupas, chouriças e criação, tudo lá vai encontrar um lugar seguro para os «compadres» fazerem armazém ou se regalarem nas ditas patuscadas.

Porém, não é só disto que acontece.

Não há muito, os padeiros me pediram peneiras para peneirarem a farinha. Elas são caras e eu vou-lhes pedindo cuidado.

Ora um dia cheguei lá cheio de curiosidade por causa duma correria para o lado do moinho.

Entro e vejo alguns deles muito debruçados sobre a arca

da farinha. Olho também, e fico surpreso: lá dentro e bem aconchegadinhos numa das ditas peneiras novas, dois pársaros ainda novinhos, lá estavam instalados com todos os cuidados.

A peneira servia de estrado prós detritos não os sujarem e o fundo da arca é que recebia os ditos.

Era lá coisa que se fizesse: a peneira do pão e a arca da farinha transformados em aviário! Resmunguei e disseram-me que era por mor aos cucos — dizem eles que eram cucos, mas eu não sei. Sei que me vim embora a pensar: Antes ver aquilo assim que «patuscadas» e armazém de roupas. Há-de ser assim que eles irão corrigindo os seus defeitos e embora me custe ver aquela desordem, aguento para não ter mais tarde de aguentar coisas piores e eles também.

Padre Abraão



Aqui, LISBOA!

Cont. da PRIMEIRA Página

serventuários, em particular dos chefes a quem compete o exemplo de servir! Não raro, em certas repartições, meia hora depois da hora marcada ainda há funcionários a entrar; em serviços oficiais, sobretudo, é possível constatar autênticas «mesas-redondas», em que funcionários de perna traçada, com ou sem cigarro na boca, e nas posições mais dispares, homens e senhoras, falam dos assuntos mais estranhos; enquanto o público espera, frequentemente, aqui e ali, procede-se à maquilhagem mais apurada ou lêem-se, às claras ou conservando-se dentro duma gaveta semi-aberta, os jornais diários ou desportivos, livros ou revistas; largos minutos antes da hora prevista para

a retirada a azáfama é grande em vista da «toilette»; em meios menos cosmopolitas, com predominância de gente simples e analfabeta, temos observado prepotência e discriminação, com informações pouco precisas ou a despachar; enquanto paradoxalmente, uma posição de destaque, um nome, uma moeda ou uma nota escondida na mão, fazem aparecer a solicitude e o cuidado de quem atende. Temos visto e ouvido o suficiente para possuímos a coragem de afirmar o que atrás fica, aliás a pecar por defeito. Ao fazê-lo pensamos que servimos a Nação, em particular os mais destituídos de poder: os ignorantes, os analfabetos e os pobres. De resto, para os funcionários zelosos e cumpridores, que os há em grande número, estas palavras em nada bolem, mas são um clamor para os chefes conscientes que detêm nas suas mãos os cordeis do comando e devem possuir o sentido da responsabilidade.

Está em curso a «Reforma Administrativa». Na verdade bem precisa é. Se há serviços com falta de pessoal, outros temos a sensação nítida de gente a mais. Precisamos de eficiência e de simplicidade. Ordenados dignos e rigoroso cumprimento do dever, sobretudo da parte dos cabeças, contribuindo por outro lado para uma maior economia de tempo e de dinheiro para uma produtividade à escala do tempo em que vivemos, em resumo, para o bem estar de todos os portugueses. Que não faltem coragem e persistência aos executores da reforma prevista são os nossos votos. Elas bem precisas serão, dadas as forças da inércia e do travão dos instalados. Ao escrevermos estas linhas outro intuito não nos move que não seja colaborar com quem honestamente se entrega ao serviço do País.

Padre Duarte

Padre Lufs



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE